# Liberdade Política - 27/07/2016

Existe uma liberdade política e uma liberdade da vontade[1]. A última é aquela  
baseada na racionalidade (ou falta dela) e é teórica, enquanto parte de uma  
possibilidade do conhecimento e da ação e mesmo da rastreabilidade ou  
prioridade de nossas faculdades sensíveis ou cerebrais/mentais. Por isso, ela  
requer uma teoria científica (ou filosófica) desde que bem embasada. A teoria  
kantiana da razão teórica pura permitiu tal liberdade, mas que virou lei para  
a prática. Um crítico kantiano, Schopenhauer, rebateu argumentando que essa  
lei carece de fundamento e o que nos move são leis motivacionais. Testes  
laboratoriais recentes mostraram que a nossa ação pode ser fruto de uma  
vontade inconsciente, que apareceria depois do fato, como resultado. De todo  
modo, há ainda um campo amplo favorável à autonomia. Tudo isso é muito  
positivo e promete resultado, porém gostaríamos de tratar da liberdade  
política, aquela dos efeitos e da práxis.  
  
Essa liberdade concreta, determinada por forças concorrentes aparentes, reais,  
inconscientes ou ocultas, é mola mestra no dia a dia e é ela que permite a  
convivência humana e o desenvolvimento de uma sociedade mais justa. Ou seja,  
há fatores interferindo na nossa ação e cada ação nossa interfere nas dos  
demais. Diante disso, o pilar dessa responsabilidade é o respeito para com o  
outro para que ele possa realizar livre de coação. A brincadeira  
característica da conduta cultural brasileira, o sorriso e a piada, resumindo:  
a zoeira tem limite difícil de ser calculado. O homem camaleão de si e do  
outro age buscando um fim; age por um comportamento arraigado para a ação ou  
paralisia, mas a última não podemos tolerar.  
  
Vis a vis, unanimemente o mundo é capitalista e por trás do sorriso e do  
aperto de mão há uma luta pela sobrevivência, pela preservação e pelo  
conforto. A estrutura capitalista tão presente e invisível nos oprime (ação  
que não vemos) e nos sacia (efeito do consumo e do poder aquisitivo). Então, o  
ser humano, mambembe, se equilibra entre um bate e assopra e procura, ao  
recostar a cabeça no travesseiro, ter a consciência limpa. Ele pode ter, mas  
sempre haverá uma pedra no sapato: o mundo obviamente injusto que não lutamos  
para mudar e que nos esforçamos por manter.  
  
   
  
   
  
\* \* \*  
  
[1] Conforme bem destacou o professor Osvaldo Pessoa em sua aula pública no  
CAF.